



RESISTÊNCIA DOS PAIS DIANTE DO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Eduarda Thais Soares Lins ¹
Katiane Ferreira Leite ²
Mariany Cristina Barros Costa ³
Maria Gabriella Almeida Lima Wanderley ⁴
Margarete Ferreira Neves ⁵
Ludwig Félix Machado Leal (orientador) ⁶

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de psicoeducação entre os pais de crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA). A demanda surgiu a partir de uma entrevista realizada com uma psicóloga que atua em uma creche na cidade de Campina Grande, na Paraíba, por meio da disciplina de Psicologia do desenvolvimento 1: infância e adolescência. Na ocasião, a psicóloga relatou a dificuldade em lidar com os pais das crianças autista, pois o índice de rejeição ao diagnóstico era grande, e acabava prejudicando no tratamento e evolução das crianças. Com isto, foi vista a necessidade de aplicar a psicoeducação no dia a dia das famílias e cuidadores destas crianças, e através de oficinas mensais, as famílias poderão ter acesso a cartilhas de ensino que endossarão o que será tratado nos encontros, além de contato com pais de crianças autistas que já aceitaram o diagnóstico, e acesso a outros profissionais que poderão sanar dúvidas acerca do assunto. A proposta é que se promova três encontros para os pais e, também, para as crianças autistas, separadamente. Através da teoria da aprendizagem social de Albert Bandura, que destaca o aprendizado por meio da observação, os pais poderão ajudar seus filhos a conquistarem autonomia, com a aceitação e o exemplo.

Palavras-chave: Autismo, Diagnóstico, Resistência, Albert Bandura

INTRODUÇÃO

A família é considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem-estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem-estar da criança. A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000). A resistência parental acerca do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda é muito viva na sociedade. Estudos comprovam que a família é um grupo

¹ Graduando do Curso de **psicologia** da Unifacisa -, eduarda.soares@maisunifacisa.com.br;

² Graduando pelo Curso de **psicologia** da Unifacis -, katiane.leite@maisunifacisa.com.br;

³ Graduando pelo Curso de **psicologia** da Unifacisa -, Mariany.costa@maisunifacisa.com.br;

⁴ Graduando pelo Curso de **psicologia** da Unifacisa -, maria.gabriella.wanderley@maisunifacisa.com.br;

⁵ Graduando pelo Curso de **psicologia** da Unifacisa -, margaretehl@icloud.com;

⁶ Doutorando pelo Curso de **psicologia social** da Universidade Federal da Paraíba – UFPB (orientador), ludwig.leal@maisunifacisa.com.br;

social primário que desempenha um papel decisivo na formação e desenvolvimento dos indivíduos nos domínios emocional, cognitivo e psicológico. Portanto, eles se tornam um suporte de extrema importância para o sujeito com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois devem orientá-lo desde a infância até a idade adulta para aprender a interagir com a sociedade (KOLOUSTIAN, 1988).

Segundo Dantas et al. (2010), o nascimento de uma criança fora do parâmetro de normalidade traz uma nova realidade para a família. Segundo Henn, Piccinini e Garcia (2008), o nascer de um filho com deficiência acarreta consequências reais em seu desenvolvimento, é um feito singular na vida de seus pais que lidam com o combate entre o filho idealizado e o filho real.

De acordo com Falkenbach et al. (2008), a literatura evidencia que os integrantes da família, especificamente os pais, vivenciam emoções e confusões perante o diagnóstico de seu filho, como susto, pavor, culpa, revolta, denegação, ódio, rejeição, luto entre outros. Segundo Franco (2016) as famílias esperam, se preparam e constroem um filho antes de seu nascimento. Logo após a idealização, acontece o período em que a família não encontra esperanças e ocorre a perda de expectativas, gerando aos progenitores a perspectiva de dar uma nova chance ao novo e a impensável realidade.

A família, segundo Febra (2009), é a que oferece espaços de apoio, compreensão, aceitação e um ambiente propício à individualidade e à busca de realização dos seus membros. O papel desta família é proporcionar um espaço de experimentação seguro, onde as crianças possam aprender a ser humanas, a amar, a formar a sua personalidade e a desenvolver a sua autoimagem.

É importante ressaltar que as estratégias de socialização utilizadas pelos pais e cuidadores são denominadas por alguns autores de práticas educativas parentais (DEL PRETE; DEL PRETE, 2003, p. 21). Essas práticas podem promover comportamentos pró-sociais ou antissociais nos indivíduos. Isso dependerá da frequência e intensidade com que certas estratégias educacionais são empregadas e dos “fatores biológicos, evolutivos e de aprendizagem” (DEL PRETE; DEL PRETE, 2003, p. 22).

Mas, antes de empregar estratégias de socialização dos familiares e cuidadores, devemos entender o que é o autismo. De acordo com a CID 11, o Transtorno do Espectro do Autismo é identificado pelo código 6A02 em substituição ao F84.0, e as subdivisões passam a estar relacionadas com a presença ou não de Deficiência Intelectual e/ou comprometimento da linguagem funcional. De acordo com as subdivisões, o TEA (6A02), na CID 11 (2023), é classificado como:



6A02.0 – Transtorno do Espectro do Autismo sem Transtorno do Desenvolvimento Intelectual e com leve ou nenhum comprometimento da linguagem funcional.

Todos os indivíduos devem atender aos critérios para TEA, não apresentarem Transtorno do Desenvolvimento Intelectual, havendo apenas leve ou nenhum comprometimento no uso da linguagem/comunicação funcional, seja através da fala, seja através de outro recurso comunicativo (como imagens, textual, sinais, gestos ou expressões).

6A02.1 – Transtorno do Espectro do Autismo com Transtorno do Desenvolvimento Intelectual e com leve ou nenhum comprometimento da linguagem funcional.

Todos os indivíduos devem atender aos critérios para TEA e Transtorno do Desenvolvimento Intelectual associados a leve ou nenhum comprometimento no uso da linguagem/comunicação funcional, seja através da fala, seja através de outro recurso comunicativo (como imagens, textual, sinais, gestos ou expressões).

Albert Bandura (2005), um dos principais teóricos do aprendizado social, aborda, em diversos de seus trabalhos, a importância dos pais no desenvolvimento de suas crianças. Segundo Tegethof (2007), a intervenção precoce é encarada como um conjunto de serviços e apoios, que podem ser prestados em diferentes contextos, e que se desenvolvem com base numa relação de parceria com a família, com o objetivo de promover o desenvolvimento das crianças, em idades precoces, com deficiências ou incapacidade, atraso de desenvolvimento ou em risco grave de atraso de desenvolvimento, e de melhorar a sua qualidade de vida, assim como a das suas famílias.

A demanda da socialização dos pais e cuidadores de crianças e adolescentes com TEA, surgiu a partir de uma entrevista realizada com a psicóloga Carolina Porto, por meio da disciplina de Psicologia do desenvolvimento 1: infância e adolescência, que trabalha em uma creche na cidade de Campina Grande, e vê como o seu trabalho, enquanto profissional que atua promovendo a liberdade e autonomia dos indivíduos para poder promover a cidadania, é afetado pela resistência dos pais em não aceitar o diagnóstico do filho. Segundo a psicóloga, uma das principais dificuldades encontradas em seu trabalho na creche é a resistência da família para aceitar o diagnóstico da criança, e afirma que a carga emocional é muito grande, pois trata-se de um trabalho quase que invisível, onde as pessoas não veem o resultado de imediato, pois trata-se de uma construção.

Um estudo recente sobre psicoeducação retrata trabalhos realizados em diversas modalidades em que revelam uma melhora na autonomia, lazer e relacionamentos interpessoais (NOGUEIRA; CRISOSTOMO; SOUZA; PRADO, 2017). O que também pode ser aplicada a



cuidadores (LEMES; NETO, 2017). Vygotsky enfatizou o papel da interação social no desenvolvimento humano e argumentou que a linguagem e a comunicação são essenciais para a formação de conceitos. No autismo, a comunicação é afetada, o que pode dificultar a formação de conceitos e a compreensão de relações sociais. Já Portela cita o feedback em relação ao comportamento como uma possibilidade de ajuste às demandas de interação quando necessário, trazendo como exemplos elogios e críticas (PORTELLA, 2011).

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Promover a psicoeducação entre os pais quanto a resistência ao tratamento de crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA).

1.1.2 Objetivos específicos

- Conhecer os pais e suas demandas;
- Discutir estratégias de intervenção em autistas;
- Socializar experiências entre pais;
- Desenvolver atividades lúdicas com crianças autistas.

METODOLOGIA

Para que a psicoeducação seja aplicada no dia a dia dos pais e cuidadores das crianças e adolescentes com TEA, serão promovidas oficinas mensais, onde eles terão acesso a cartilhas de ensino, contato com outras mães de crianças autistas, além do acesso a outros profissionais onde poderão tirar suas dúvidas acerca do assunto. As oficinas serão divididas em 3, onde, também, as crianças terão um espaço reservado só para elas, onde será promovida atividades lúdicas e a socialização com outras crianças.

Uma revisão sistemática de literatura de Guisso, Bolze e Viera (2019), sobre práticas e programas de treinamento parental, indica mudanças no comportamento dos pais e melhorias no comportamento dos filhos. Isso reduz as práticas negativas e aumenta as práticas positivas. Aplicado em diferentes realidades como creches, escolas, hospitais, sites etc. Segundo os autores, a análise da pesquisa indicou que “para avaliações positivas dos participantes em torno dos efeitos gerados em relação às suas práticas parentais, habilidades sociais, autorregulação



das emoções, limites e gerenciamento dos comportamentos indesejáveis nos filhos” (GUISSO; BOLZE; VIERA, 2019. p. 247).

As oficinas serão divididas da seguinte forma:

1. Primeira oficina com os pais

- Apresentação do projeto, bem como seus objetivos, ajudas, serviços.
- Roda de conversa e escuta sobre dúvidas e dificuldades encontradas no dia a dia com as crianças;
- Momento de lazer, onde será oferecido coffee break para os pais e apoiadores do projeto.

Primeira oficina para as crianças

- Oficina com atividades de psicomotricidade, para ajudar no desenvolvimento das crianças;
- Momento de lazer, com coffee break para as crianças e rede de apoio da oficina infantil.

2. Segunda oficina com os pais

- Palestras com profissionais para auxiliar nas dúvidas e dificuldades encontradas na primeira oficina;
- Palestra de motivação com pais que lidam com autismo. Esta tem o intuito de trazer apoio para as famílias conseguirem passar pelos desafios, sabendo eles que não estão sós;
- Momento de lazer com coffee break, e entrega de materiais de apoio para o dia a dia.

Segunda oficina para as crianças

- Será trabalhado o desenho com tinta;
- Brinquedos com LEGO, a criança também poderá ser estimulada com atividades mais simples. Entre os melhores exemplos, vale destacar o desenho com tinta. Nessa atividade a criança pode fazer incríveis descobertas ao misturar duas ou mais cores para deixar a arte mais vibrante.

3. Terceira oficina com os pais

- Palestras com profissionais da área da beleza e saúde;
- Momento para contar um pouco do que vem sendo aprendido;



- Momento de lazer com coffee break e serviços sociais para os pais.

Terceira oficina para as crianças

- Atividade sensorial;
- As crianças experimentarão as sensações através dos 5 sentidos: tato, olfato, visão, audição e paladar. Serão utilizados materiais naturais, como farinha, água, sagu, frutas, verduras, extratos naturais para que as crianças possam explorar o corpo todo.

Em um estudo publicado na revista *Journal of Autism and Developmental Disorders*, Bandura e alguns colaboradores analisaram o papel dos pais na implementação de terapias comportamentais em crianças autistas. Eles observaram que a participação ativa dos pais, incluindo a realização de exercícios e atividades em casa, resultou em maiores melhorias nos comportamentos das crianças. Os autores ressaltam que a negligência ou falta de envolvimento dos pais pode prejudicar o sucesso do tratamento. Uma intervenção em grupo cujos alguns assuntos discutidos foram expressão de sentimentos, interação comunicativa, negociação, estabelecimento de regras, verificou aumento na assertividade em práticas parentais e diminuição nos comportamentos problema (BOLSONI-SILVA; SILVEIRA; MATURANO, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da entrevista com a Psicóloga, foi vista a necessidade de aplicar, com mais ênfase, a psicoeducação nos pais de crianças autistas, visto que a resistência ainda é frequente, e isso pode retardar o processo de evolução da criança, já que os pais que não aceitam o diagnóstico fazem com que o tratamento se aplique tardiamente ou, muitas vezes, nem seja aplicado.

A teoria da aprendizagem social de Albert Bandura (1986) destaca o aprendizado por meio da observação. Ele aponta que o estado mental interno daquele que está aprendendo desempenha um papel fundamental no processo de absorção de conhecimento. Assim, a aprendizagem social acontece a partir da interação entre a mente do aprendiz e o ambiente ao seu redor. Essa teoria resalta aquilo que deve ser levado em consideração por todos: educa-se pelo exemplo e ações.



Para que os pais das crianças autistas tenham uma maior aceitação do diagnóstico e passem a ajudar de maneira ativa no processo de evolução do tratamento, através de oficinas mensais, iremos promover a aceitação do autismo dentro das famílias para, assim, proporcionar qualidade de vida e bem-estar para os pais que passam pelo processo de resistência ao autismo. Serão promovidos três encontros, onde, além de oficinas para os pais, também será feita oficinas com as crianças autistas, com atividades lúdicas que ajudarão a explorar os cinco sentidos.

A observação e imitação dos modelos comportamentais, bem como os feedbacks positivos, podem ser eficazes no treinamento de habilidades sociais em crianças com autismo. A Teoria Social Cognitiva de Bandura explica, por meio do modelo de causalidade recíproca, que comportamento, fatores cognitivos e ambiente operam como determinantes interagentes que se influenciam mutuamente (BANDURA, 1999) Assim, com um olhar voltado ao apoio das famílias que passam pelo processo do autismo em suas casas é crucial pois irá promover um maior desenvolvimento para todos. Portanto, espera-se que com oficinas de apoio para as famílias ajude promover maior conhecimento sobre o autismo e como ajudar no desempenho social das pessoas ao seu redor.

Como resultado, estima-se que os pais que tenham uma maior resistência na aceitação do diagnóstico do filho com TEA, tenham sua mente aberta diante dos fatos, e que, através das oficinas que serão aplicadas, eles entendam que existe uma rede de apoio e pessoas das quais eles podem contar sempre que precisar. A escola é um ambiente onde a criança com autismo pode ser assistida pelos professores e psicólogos, mas dentro de casa ela acaba retrocedendo pelo fato de os pais não saberem, muitas vezes, como lidar com o temperamento e as particularidades das suas crianças. Pensando em promover o bem-estar e a autonomia das crianças também dentro das suas casas, iremos realizar oficinas educativas para os pais:

- A primeira oficina para os pais tem como objetivo apresentar, de maneira leve e descontraída o porquê de estarmos promovendo tais encontros, deixando-os ainda mais livres para tirar suas dúvidas e conversar entre si sobre seus filhos e as demandas de cada um.
- A segunda oficina é voltada para responder os questionamentos feitos na primeira. Nesta, profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas, dentro outros, estarão participando para sanar as dúvidas dos pais e tornar o convívio com os filhos autistas mais leves. Neste encontro também teremos depoimentos com mães e pais de crianças autistas, com uma palestra de motivação. Esta tem o intuito de trazer apoio para as famílias conseguirem passar pelos desafios, sabendo que não estão sós.



- A terceira última oficina será mais voltada para a autoestima das mães e pais das crianças. Será oferecido neste encontro serviços sociais e momentos de beleza para que as famílias se sintam acolhidas em todas as áreas. Para finalizar, iremos promover uma roda de conversa para que os pais contêm como tem sido este momento de aceitação e adaptação dentro de casa com seus filhos.

Barini Filho e Cardoso (2003) também consideram a influência do ambiente no processo de desenvolvimento humano. Os autores enfatizam o papel dos modelos mentais no processo de desenvolvimento a partir da ideia de que “a visão de mundo pode ser identificada, delimitada, modelada e internalizada, com suporte de adequadas condições ambientais e por um reforço comportamental sistemático” (p.69), o que corrobora com Bandura (1986), que considera que os indivíduos são, simultaneamente, produtos e produtores de seu ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a resistência dos pais diante do diagnóstico do transtorno do espectro autista é um problema grave que pode prejudicar o desenvolvimento das crianças. A família, presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO; SILVA, 2003; KREPPNER, 2000). É também considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem-estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem-estar da criança. A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000).

Bandura destacou a importância, na sua teoria da aprendizagem social, do modelo e a observação no processo de aprendizagem. Os pais são figuras importantes de modelo para seus filhos, e a forma como eles lidam com o diagnóstico pode influenciar diretamente no desenvolvimento das crianças com autismo. Em um artigo para o periódico BMC Psychiatry, ele destaca a importância da educação dos pais sobre o transtorno e o desenvolvimento de estratégias eficazes para lidar com as dificuldades dos filhos. Bandura (2015) acredita que essa informação pode ajudar os pais a entenderem melhor as necessidades das crianças e a buscar tratamentos mais adequados desde cedo, prevenindo possíveis atrasos no desenvolvimento.



Com isto, conclui-se que é essencial incentivar uma cultura de sensibilização e respeito pelo autismo, devido à complexidade desse transtorno e os desafios que as pessoas com autismo enfrentam. É preciso que a sociedade e, principalmente os pais, entendam e respeitem as particularidades e as necessidades dessas pessoas, para que seja possível promover a inclusão e a diversidade. Dessa forma, os pais também terão um ambiente mais acolhedor e integrador para seus filhos com autismo.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO; SILVA, (2003). **Arranjos familiares de crianças de camadas populares. Psicologia em Estudo**, 8(especial), 11-20

BANDURA, A. Social cognitive theory: an agentic perspective. **Asian Journal of Social Psychology**. v. 2, 1999.

BANDURA, A. Autobiography. **BMC Psychiatry**, 15(1), 236–244, 2015.

BANDURA, A. Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.

BARINI FILHO, U.; CARDOSO, O. A abordagem cognitiva na formação da competência empreendedora: o caso da Odebrecht. **Administração em Diálogo**, São Paulo, n. 5, p. 65-76, 2003.

BOLSONI-SILVA, A. T.; SILVEIRA, F. F.; MARTURANO, E. M. Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 125-142, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v10n2/v10n2a02.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2019.

CID 11 - **Para Estatísticas de Mortalidade e Morbidade** (Versão: 01/2023) <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>

DEL PRETE, A.; DEL PRETE, Z. A. P. (Org). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. 1. ed. Campinas: Alínea, 2003.

FALKENBACH, A. P.; DREXSLER, G.; WERLER, V. A relação mãe/criança com deficiência: Sentimentos e experiências. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 2065-2073. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250028257_A_relacao_maecrianca_com_deficiencia_sentimentos_e_experiencias Acesso em: 24 de junh. de 2019.

FEBRA, M. **Impacto do Diagnóstico da Deficiência Mental na Família**. 2009. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/13520>).



FRANCO, V. Tornar-se pai/mãe de uma criança com transtornos graves do desenvolvimento. **Educar em Revista**, Curitiba, PR, v. 1, n. 59, p. 35-48, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n59/1984-0411-er-59-00035.pdf>> Acesso em: 15 de set. 2019.

GUSSO, L.; BOLZE, S. D. A.; VIERA, M. L. Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.10>

HENN, C. G.; PICCININI, C. A.; GARCIAS, G. L. A família no contexto da síndrome de down: revisando a literatura. **Psicologia em Estudo**, 13, 3, 485-493. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a09.pdf>> Acesso em: 25 de ago. 2019.

KREPPNER, K. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16(1), 11-22, 2000.

NOGUEIRA, C. A.; CRISOSTOMO, K. N.; SOUZA, R. S.; PRADO, J. M. A importância da psicoeducação na terapia cognitivo- comportamental: Uma revisão sistemática. **Revista das Ciências da Saúde do Oeste baiano**, v. 2, n. 1, p. 108-120, 2017. Disponível em: <http://www.fasb.edu.br/revista/index.php/higia/article/view/190/211>. Acesso em: 31 jul. 2019.

PORTELLA, M. **Estratégias de treinamento em habilidades sociais. Centro de Psicologia Aplicada e Formação/ Terapia Cognitiva comportamental**. 1. ed. Rio de Janeiro: Santos, 2011.408 p.

TEGETHOF, M. (2007). “**Estudos sobre a intervenção Precoce em Portugal: ideias dos especialistas, dos profissionais e das famílias**”. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto. Porto.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Edusp, 1988.